

As Tentativas de Designação dos Estudos dos Meios de Comunicação: *Medium Theory*, *The Toronto School of Communication* e *Media Ecology*

Rodrigo Miranda BARBOSA¹

Resumo

O foco deste artigo é apresentar e discutir criticamente as diferentes designações dadas para agrupar autores como Harold Innis e Marshall McLuhan seja em correntes, escolas, ou teorias. Nosso intuito é problematizar até que ponto estas designações representam pontos de vistas epistemologicamente diferentes com pontos de discussão diferentes ou são apenas diferenças de nomenclatura.

Palavras-chave: Marshall McLuhan, Harold Innis, Escola de Toronto, Teorias da Comunicação, *Media Ecology*, Teoria do Meio.

¹ Professor da Faculdade Projeção no curso de Publicidade e Propaganda e da Universidade de Brasília. Autor do projeto bibliográfico sobre Marshall McLuhan (<http://rodrigobarba.com/espectroscopioemcluhan/>). E-mail: rmbdesign@gmail.com.

Los intentos de designación de los Estudios de los Medios de Comunicación: Medium Theory, La Escuela de Toronto de Comunicación y Media Ecology

Resumen

El foco de este artículo es presentar y discutir críticamente las diferentes asignaciones para agrupar los autores como Harold Innis y Marshall McLuhan en escuelas de pensamiento o teorías. Nuestro objetivo es discutir en qué medida estas designaciones representan diferentes puntos de vista epistemológicos o sólo diferencias de nomenclatura.

Palabras clave: Marshall McLuhan, Harold Innis, La Escuela de Toronto de Comunicación, *Medium Theory* y *Media Ecology*

Attempts to define the studies of media: Medium Theory, The Toronto School of Communication and Media Ecology

Abstract

The purpose of this paper is to present and critically discuss the different attempts to group together authors like Harold Innis and Marshall McLuhan as schools of thought, or theories. Our objective is to discuss the dimensions of these designations and how they represent differing epistemological views with different points of discussion or if they are just different nomenclatures.

Keywords: Communication Theory, Harold Innis, Marshall McLuhan, *Media Ecology*, *Medium Theory*, Toronto School of Communication.

Introdução

É ponto passível que os canadenses Harold Innis e Marshall McLuhan deixaram a sua marca nos estudos dos meios de comunicação e fruto do reconhecimento de suas contribuições e as similaridades entre os seus trabalhos fez com que fossem tomados como precursores de uma escola de pensamento.

Diferente de outros países, no Brasil o pensamento sobre Innis e McLuhan, quase sempre ficou restrito a este último e encarado como um autor isolado. Prova disso é que o livro de teorias da comunicação mais utilizado no país tanto na graduação quanto na pós-graduação cita McLuhan como um teórico isolado e apenas em uma nota de rodapé. (Wolf, 1995, p. 94). Caso que não é exclusivo desta obra. O isolamento de McLuhan pode ser percebido também pela trajetória histórica dos dois pesquisadores. Innis foi um economista de grande prestígio tanto nos Estados Unidos quanto no Canadá, mas seus textos sobre a comunicação foram em grande parte negligenciados pelos economistas, assim como pelos comunicólogos. Muito diferente de seu compatriota, o professor de literatura Marshall McLuhan foi um fenômeno mediático e intelectual que abalou o mundo, publicando uma série de livros e artigos sobre meios de comunicação, enquanto que a produção dita comunicacional de Innis se desenvolveu de forma mais intensa apenas nos últimos 10 anos de sua vida. Como resultado a quantidade de livros que discutem McLuhan é largamente superior ao contrário de Innis que tem duas biografias publicadas e a produção que discute seu trabalho não ultrapassa uma dezena de livros.

Nos juntamos, assim, a Derrick de Kerckhove (1989) (ex-diretor do *The McLuhan Program in Culture and Technology*), ao enfatizar que as diferentes nomenclaturas nos ajudam a entender que McLuhan não era um autor isolado e nos permite melhor compreender a sua relação com Innis.

Diversos autores viram na relação entre Innis e McLuhan uma verdadeira escola de pensamento, com importantes contribuições para a teoria da comunicação, mas empregaram nomenclaturas diversas na tentativa de agru-

pá-los e de relacioná-los a outros teóricos. Nossa preocupação não é a discussão sobre qual seria a designação mais correta ou sobre originalidade, mas sim questões teóricas e epistemológicas subjacentes às diferentes tentativas de compreender as contribuições de Innis e de McLuhan.

Um dos elementos que colabora para perceber uma relação íntima entre os dois autores se dá através da própria forma que McLuhan considera seu trabalho, como sendo um continuador de Innis, mesmo se alguns críticos considerem problemática essa relação (por exemplo: Buxton, 2011; Tremblay, 2011). De fato, McLuhan faz uma série de referências a Innis em seus textos, mas o principal fator para esta vinculação se encontra na introdução feita por McLuhan para a reedição do livro de Innis “The Bias of Communication”, realizada em 1964, onde este diz que seu trabalho deve ser considerado como uma nota de rodapé ao trabalho de Innis.

É importante ressaltar que o trabalho teórico de um autor pode ser percebido por diversos prismas diferentes, um economista certamente destacaria diferentes elementos da obra de Innis, se comparado a um comunicólogo, assim como os comunicólogos podem ressaltar diferentes elementos segundo a proposta teórica considerada.

Dessa forma, propomos uma problematização destas designações para além de suas nomenclaturas e investimos na discussão que tem por fim a problematização de suas diferenças epistemológicas, assim como os pontos de contato entre elas. As referidas designações a serem discutidas neste artigo são: *Medium Theory* (Teoria do Meio), *Media Ecology* (Ecologia dos Meios) e *Toronto School of Communication* (Escola de Toronto de Comunicação). Tomaremos por base quatro teóricos da comunicação e textos de sua autoria que se tornaram referência: 1) Joshua Meyrowitz, “Medium Theory” (1994); 2) Lance Strate “President’s Message – Understanding MEA” (1999) e “The Media Ecology Review” (2004); 3) Derrick de Kerckhove, “McLuhan and The Toronto School of Communication” (1989); 4) Donald Theall “The Toronto School of Communication” (2003).

Estas designações se servem de critérios diferentes e não agrupam o mesmo conjunto de autores, mas logo de início chama a atenção que as três designações enfatizam que se trata de uma escola do pensamento comunicacional, vide o uso que fazem de termos como “comunicação” ou “meios de comunicação”. Assim as três designações concordam sobre a área de estudo, contudo, o que significa essa apropriação para o campo da comunicação e como estas se

colocam em relação a ele é um dos elementos que serão analisados neste artigo.

Perguntamos, por conseguinte, quais são as justificativas dadas pelos autores para considerar a determinada escola de pensamento como pertencente ao campo da Comunicação. Qual é o ponto central que permite dizer que os diversos autores fazem parte desta escola de pensamento? Como esta se destaca de outras tradições? A designação é abrangente ou é restritiva? Quais os autores (primários e secundários) fazem parte da escola de pensamento?

Conclusão

Podemos perceber que correntemente as diferentes designações são utilizadas como sinônimos. Donald Theall mesmo optando por descrever a designação de Escola de Toronto, deixa clara que a noção de ecologia dos meios já estava presente na forma de entendimento das relações entre os meios de comunicação e a cultura em McLuhan, Carpenter e seus inspiradores. Assim, a esperada disputa entre as designações parece não existir, mas ainda assim encontramos diferenças importantes entre elas.

A designação *Medium Theory* como descrita por Joshua Meyrowitz (ex-aluno de Neil Postman) tem como ponto fraco a tentativa de utilizar “teoria” na sua nomenclatura, mas sem se dedicar a definir o que a torna uma teoria no sentido estrito do conceito. Apesar disso é uma das designações mais concisas e restritas. Meyrowitz não se perde em uma sociologia da ciência e seu objetivo é inteiramente epistemológico e comparativo com outras tradições ditas comunicacionais a fim de estabelecer o que faz a *Medium Theory* uma tradição única.

Medium Theory aborda as características particulares de cada meio individualmente ou cada tipo específico de meio de comunicação. De um modo geral, os teóricos de meio perguntam: Quais são as características relativamente fixas de cada meio de comunicação e como estas características tornam o meio fisicamente, psicologicamente e socialmente diferente de outros meios de comunicação e da interação face-a-face? *Medium Theory* analisa variáveis como os sentidos que são necessários para atender o meio, se a comunicação é bi-direcional ou uni direcional, o quão rápido as mensagens são disseminadas, se a aprendizagem necessária para codificar e decodificar as men-

sagens no meio é difícil ou simples, quantas pessoas podem prestar atenção à mesma mensagem ao mesmo tempo e assim por diante. Teóricos do meio argumentam que tais variáveis influenciam o uso do meio e seu impacto social, político e psicológico. (1994, p.51)²

O autor estabelece os autores principais (Harold Innis e Marshall McLuhan) e os pontos fracos da tradição, e tendo em conta isso, procura resolver estes problemas estabelecendo uma segunda-geração, incluindo a sua própria pesquisa como pertencente a esta. A *Medium Theory* pode ser descrita como a análise dos meios de comunicação em si e como suas características relativamente fixas afetam não só o conteúdo, mas criam um ambiente comunicacional que altera a forma como pensamos e as instituições sociais. Meyrowitz coloca a análise macro, a grande abstração de Innis e McLuhan e o determinismo tecnológico como problemas a serem resolvidos. Em relação ao determinismo tecnológico, Meyrowitz não descarta a crítica, mas também não o abraça inteiramente como uma perspectiva que faz parte da tradição, ao contrário, procura problematizar até que ponto a crítica é válida e se há possibilidade de escapar dela.

Mas estes autores possuem que tipo de similaridades? Para Meyrowitz, eles tem métodos diferentes, se dedicam a territórios diferentes de análise e chegam até a conclusões diferentes. Dessa forma, não são estes elementos que fazem eles participarem de uma mesma tradição. Para Meyrowitz é a concepção que as tecnologias comunicacionais tem efeitos que estão ligados as características dos meios empregados e que estão para além do conteúdo. Outro ponto forte de contato é a divisão das eras pelos meios de comunicação empregados, o que demonstra a preocupação com a in-

2 Medium theory focuses on the particular characteristics of each individual medium or of each particular type of media. Broadly speaking, medium theorists ask: What are the relatively fixed features of each means of communicating and how do these features make the medium physically, psychologically, and socially different from other media and from face-to-face interaction? Medium theory examines such variables as the senses that are required to attend to the medium, whether the communication is bi-directional or uni directional, how quickly messages can be disseminated, whether learning how to encode and decode in the medium is difficult or simple, how many people can attend to the same message at the same moment, and so forth. Medium theorists argue that such variables influence the medium's use and its social, political, and psychological impact. (1994, p.51, Tradução livre)

teração entre os meios de comunicação e cultura. Aparecem aí pontos em comum que segundo Meyrowitz são consistentes a ponto de podermos estabelecer que se trata de uma tradição comunicacional ainda que o próprio Meyrowitz não traga uma definição de meios de comunicação (assim como os demais autores das outras designações).

A designação *Media Ecology* ganhou proeminência principalmente a partir do nome dado a um curso de pós-graduação da New York University em Nova York que tinha como principal intelectual e diretor Neil Postman, seguidor de McLuhan. Posteriormente foi criada uma associação de pesquisadores sob o nome de *Media Ecology Association* (MEA) com vistas a dar continuidade aos trabalhos realizados e também para que o nome de seus mestres não caíssem no esquecimento. Inspirados por essa intenção a associação organiza anualmente uma convenção internacional, assim como uma publicação anual denominada *Explorations in Media Ecology*. A designação **Media Ecology** como descrita por Lance Strate (um dos fundadores da MEA e ex-aluno de Neil Postman) é a mais abrangente de todas, pois o mesmo tenta traçar todas as relações possíveis de influência dos autores que ele considera os principais: McLuhan, Ong e Postman. A sociologia da ciência é o forte da designação, pois Strate procura a todo momento reforçar as relações institucionais, a junção de duas escolas de pensamento (Toronto e Nova York), a criação da MEA e a revista científica.

A designação *Media Ecology* tem base em Neil Postman que diz que ela é justamente uma metáfora baseada na biologia.

... nosso primeiro pensamento sobre o assunto foi guiado por uma metáfora biológica. Você vai se lembrar da época em que você começou a se familiarizar com uma placa de Petri, que um meio foi definido como uma substância em que uma cultura que cresce. Se você substituir a palavra “substância” com a palavra “tecnologia”, a definição deve ficar como um princípio fundamental da ecologia dos meios: Um meio é uma tecnologia em que uma cultura cresce, ou seja, dá forma à uma cultura política, organização social, e as formas habituais de pensar. Começando com essa ideia, nós invocamos ainda outra metáfora biológica, a da ecologia. . . . Nós colocamos a palavra “meios de comunicação” na frente da palavra “ecologia” para sugerir que nós não estamos sim-

plesmente interessados em meios de comunicação, mas nas formas em que a interação entre a meios de comunicação e os seres humanos dá a cultura o seu caráter e, pode-se dizer, ajuda uma cultura a manter o equilíbrio simbólico. (Postman, 2000, p. 10-11)³

Strate não foca nas diferenças da *Media Ecology* em relação a outras tradições comunicacionais, ao ponto de ficarmos em dúvida se a *Media Ecology* é uma tradição comunicacional ou uma metadisciplina como o autor diz em diversas ocasiões. De um lado, para Strate, a *Media Ecology* está dentro do campo da comunicação pelo fato de estudar os meios de comunicação como constituidores de ambientes, como agentes que afetam a percepção e compreensão humana. Como metadisciplina ela é uma disciplina acima de todas, segundo Strate, pois o estudo dos sistemas comunicacionais como ambientes cruzaria com todas as outras disciplinas.

Derrick de Kerckhove que foi diretor entre 1983-2008 do *McLuhan Program in Culture and Technology* (centro criado por McLuhan em 1963 como Centre for Culture and Technology) descreve a designação **Escola de Toronto de Comunicação** leva em consideração principalmente a sociologia da ciência, mas também aponta as bases epistemológicas da designação. Tanto Innis, McLuhan e Havelock se dedicaram a entender os meios de comunicação e suas estruturas como agentes capazes de efeitos sociais e psicológicos em larga escala.

Segundo Kerckhove (1989, p.73) a denominação “escola” para organizar o trabalho destes autores teria aparecido pela primeira vez em uma nota de rodapé do texto “Literacy in Traditional Societies” (1968) de Jack Goody.

3 ...our first thinking about the subject was guided by a biological metaphor. You will remember from the time when you first became acquainted with a Petri dish, that a medium was defined as a substance within which a culture grows. If you replace the word “substance” with the word “technology,” the definition would stand as a fundamental principle of media ecology: A medium is a technology within which a culture grows; that is to say, it gives form to a culture’s politics, social organization, and habitual ways of thinking. Beginning with that idea, we invoked still another biological metaphor, that of ecology. ... We put the word “media” in the front of the word “ecology” to suggest that we were not simply interested in media, but in the ways in which the interaction between media and human beings gives a culture its character and, one might say, helps a culture to maintain symbolic balance. (Postman, 2000, p. 10-11, Tradução livre).

Veja em particular o trabalho um tanto extravagante de Marshall McLuhan, ex-Toronto, que discorre sobre temas desenvolvidos também em Toronto por Innis e mais tarde pela E. A. Havelock e outros; uma avaliação do trabalho de Innis, McLuhan e da Toronto School recentemente foi feita por Carey (1967) e Compton (1968). O trabalho de Innis e Havelock influenciou o artigo que Watt e eu escrevemos, mas nosso interesse mais concreto no tema surgiu a partir da privação de guerra da matéria escrita ocorreu em diferentes partes do mundo e nossa permanência entre o povo não-letrado, analfabeto ou semi-analfabeto” (Goody, 1968, p. 1, n. 1 apud Kerckhove, 1989, p. 73)⁴

Kerckhove é o único a deixar claro que alguns autores não podem ser considerados como dentro da designação, pois fogem do ponto central da tradição e caem na pesquisa comum do conteúdo dos meios de comunicação. Nesse sentido Kerckhove estabelece uma designação ainda mais restrita que Meyrowitz. O autor também dá bastante destaque para a sociologia da ciência ao dar ênfase na importância da revista *Explorations* e ao reafirmar que diferente de outras formas de pesquisa é em Toronto que uma tradição única se estabeleceu e se fortaleceu. Uma prova disso é que a tradição ganhou notoriedade mundial com uma série de eventos ao redor do mundo em que o próprio Kerckhove participou.

A designação **Escola de Toronto de Comunicação** por Donald Theall, assim como Lance Strate, diminui a influência de Harold Innis considerando-a como uma influência de precursor em conjunto com Eric Havelock. Theall então foca principalmente em McLuhan e Carpenter para descrever a Escola de Toronto de Comunicação. A comu-

4 The word “school” appears in a mildly unflattering footnote to Goody and Watt’s celebrated paper on “The Consequences of Literacy”: “See in particular the somewhat extravagant work by Marshall McLuhan, formerly of Toronto, which elaborates on themes developed also at Toronto by Innis and later by E. A. Havelock and others; an appraisal of the work of Innis, McLuhan and the Toronto school has recently been made by Carey (1967) and Compton (1968). The work of Innis and Havelock influenced the paper that Watt and I wrote, but our more concrete interest in the subject arose from the wartime deprivation of written matter we experienced in different parts of the world and our sojourn amongst nonliterate, illiterate or semi-literate people” (Jack Goody and Ian Watt, *Literacy in Traditional Societies*, 1968, p. 1, n. 1). (1989, p. 73, Tradução livre).

nicação, para Theall, vai ter um sentido bastante amplo, pois aos aspectos de comunicação e tecnologia este adiciona as artes e a lingüística. Emblemático nesse sentido é a análise dos meios de comunicação enquanto linguagens e como formas de arte.

Theall também dá importância fundamental a história da escola a partir de Carpenter e McLuhan, a revista *Explorations* e aos seminários financiados pela Fundação Ford. Estabelecendo uma linha de sociologia da ciência bastante próxima da perspectiva de Kerckhove ao ressaltar a importância das instâncias institucionalizantes principalmente a Universidade de Toronto como um eixo de explicação para a particularidade dos estudos feitos pelos autores relacionados. Estudos que com o movimento de reviver os trabalhos dos autores da Escola de Toronto de Comunicação a partir de 1990 acabou se transformando na *Media Ecology*.

Podemos perceber que a participação de Innis também é um ponto que divide opiniões. **Joshua Meyrowitz** coloca Innis e McLuhan como os autores principais; **Lance Strate** prefere a combinação McLuhan, Ong e Postman; **Derrick de Kerckhove** opta por McLuhan, Havelock e Innis; **Donald Theall** coloca Havelock e Innis em segundo plano e situa Carpenter como principal parceiro de McLuhan. Cada designação a partir de cada autor promove certos autores e características como as principais. Fica claro que não há uma obrigatoriedade de aproximar Innis e McLuhan. Recentemente essa relação foi problematizada por William Buxton (2011) e Gaëtan Tremblay (2011, 2008) que situam as similaridades e diferenças e o que se ganha e o que se perde ao aproximar os dois autores.

Ainda assim, podemos ver pela seleção dos autores nas designações acontece também uma maior ou menor aproximação com as artes e a linguagem. Strate coloca ponto fundamental na concepção de linguagem e Theall mesmo sendo adepto da Escola de Toronto, em várias oportunidades fala da aproximação a abordagens “ecológicas”, ou seja, a Escola de Toronto seria apenas uma etapa histórica, sendo a da *Media Ecology* a etapa pós-McLuhan. Para Theall, isso tem a ver com a inclusão de Carpenter, devido os seus estudos com a etnolinguística, da linguagem Inuit, linguagem corporal e outras formas de linguagem silenciosa. E é claro, a partir da noção de Carpenter, que todas as linguagens são meios de comunicação e todo novo meio de comunicação deve ser entendido como uma linguagem.

Para Strate essa relação é estabelecida principalmente pela participação de Neil Postman, que tem entre as suas primeiras obras dois livros sobre lingüística.

A relação dos estudos feitos por McLuhan com o campo da linguagem pode ser traçada até os lingüistas Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf, conhecidos pelo chamado determinismo lingüístico. McLuhan é aproximado destes autores tanto por Donald Theall, quanto por Lance Strate, e essa análise tem seu aprofundamento em James W. Carey (1967) que colocou McLuhan muito mais próximo dos estudos sobre linguagem do que da comunicação.

É importante salientar que as relações entre arte, linguagem e meios de comunicação que estes autores encontraram principalmente na obra de McLuhan não é uma invenção, uma vez que McLuhan, Postman e Ong eram professores de literatura. Há diversas formas de analisar a obra destes autores, seja através da literatura, da economia, ou da comunicação. O que nos dedicamos aqui é justamente o estabelecimento do que é uma perspectiva estritamente comunicacional.

As designações concordam com a centralidade dos meios de comunicação, que se trata de uma forma de análise diferente de outras do campo comunicacional, que os meios de comunicações são analisados a partir de suas características únicas e seus efeitos analisados para além do conteúdo. E assim concordam no entendimento de que os meios de comunicação estabelecem um ambiente social diferente.

Mas ainda assim todas as designações sofrem de um problema central que é a definição de meios de comunicação. Nenhum autor se dedica a estabelecer essa definição então como seria possível estabelecer uma tradição dita comunicacional e que tem como um dos elementos centrais os meios de comunicação? As designações como *Media Ecology* colocam a linguagem como meio de comunicação e também como tecnologia. Isso reflete numa discussão ainda mais profunda sobre o que é tecnologia, o que são meios de comunicação e o que é linguagem. Tecnologia é aquilo que o homem molda? Linguagem é algo intrínseco ao humano? A fala é uma tecnologia, uma vez que ela faz parte do corpo humano? A linguagem é algo material para ser tecnologia? Tecnologia precisa ser material?

O que estas designações nos dizem sobre as teorias da comunicação? Acredito que um dos pontos interessantes

dessa discussão é justamente mostrar que mesmo analisando os mesmos autores, cada pesquisador pode enxergar diferentes coisas dependendo do ponto de partida. Isso é importante pois, poderíamos encontrar similaridades, relações sobre aspectos econômicos entre Innis e McLuhan. Assim como podemos ter várias maneiras de enxergar o trabalhos deles dentro da Comunicação. Mas o ponto de partida do que é a Comunicação são os óculos que colocamos para analisar o trabalho de Innis e McLuhan.

Isso demonstra que diferentes designações podem ter núcleos epistemológicos diferentes. Ou seja, mostrar que um nome diferente, ou agrupamentos diferentes podem se referir a coisas diferentes e pontos de contatos diferentes.

Vários autores ressaltam a capacidade de McLuhan de trazer autores das mais variadas disciplinas para discutir e analisar as relações entre meios de comunicação, cultura e tecnologia. Isso principalmente pelo grupo que se formou em torno da revista *Explorations*.

Mas aí reside a discussão importante da nomenclatura. Simplesmente pessoas discutindo sobre meios de comunicação não os coloca dentro da Comunicação enquanto campo científico. Uma das formas de entender esse processo a partir das designações são eras históricas são entendidas como eras comunicacionais como colocadas em foco por Meyrowitz. Não se trata de eras sociais como feita pela sociologia como comunidades primitivas, sociedades tradicionais e sociedades complexas, ou pela arqueologia a partir dos materiais brutos como idade da pedra, idade do ferro, idade do silício etc.. Dessa forma, explicar a sociedade a partir das eras comunicacionais marca uma importante chave de leitura para estabelecer o que faz com que uma perspectiva teórica possa ser considerada como especificamente comunicacional.

Ainda que possamos aceitar aqui o sentido mais geral de meios de comunicação é necessário um estudo aprofundado sobre os possíveis limites entre meios de comunicação, linguagem e tecnologia. A capacidade de comparar diferentes eras comunicacionais a partir dos meios de comunicação necessita de uma problematização primordial do conceito de meio.

Referências

- BUXTON, William J.. “A ascensão do mcluhanismo, a perda do senso de Innis: Repensando as origens da Escola de Comunicação de Toronto”. In: Barbosa, Marialva; Morais, José Osvando de. (Org.). Quem Tem Medo da Pesquisa Empírica?. Quem Tem Medo da Pesquisa Empírica?. São Paulo: Intercom, 2011, v. , p. 255-280.
- CAREY, James. W.. Communication as culture: Essays on media and society. Boston: Unwin Hyman, 1989.
- _____. Harold Adams Innis and Marshall McLuhan. The Antioch Review, Vol. 27, No. 1, Spring, 1967, p. 5-39.
- CARPENTER, Edmund. That-Not-So-Silent Sea,”. In: Donald Theall. The Virtual Marshall McLuhan. Montreal & Kingston: McGill-Queens University Press, 2001. p. 236–261.
- COOK, George. “Mantic Marshall McLuhan: is the legacy the legend?”, September 12, 1988, p. 7.
- DEBRAY, R.. Media manifestos: On the technological transmission of cultural forms (E. Rauth, Trans.). New York: Verso, 1996.
- de KERCKHOVE, Derrick “McLuhan and The Toronto School of Communication”. In: Canadian Journal of Communication, Vol 14, No 4, 1989. p.73-79.
- GOODY, J.. (Ed.). Literacy in traditional societies. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1968.
- _____. The domestication of the savage mind. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1977.
- HAVELOCK, Eric A. A musa aprende a escrever. Reflexões sobre a oralidade e a literacia da Antiguidade ao presente. Lisboa: Gradiva, 1996.

KUHNS, W. (1971). *The post-industrial prophets: Interpretations of technology*. New York: Weybright & Talley. 1971.

McLUHAN, M. *Understanding me: Lectures and Interviews* (S. McLuhan & D. Staines, Eds.). Cambridge, MA: MIT Press, 2003.

McLUHAN, Marshall. Letter to Rollo May, 14 December 1972, p. 457-8. In: _____. *Letters of Marshall McLuhan*. Edited by Matie Molinaro, Corinne McLuhan and William Toye. Toronto: Oxford University Press, 1987.

_____. *The Mechanical Bride: Folklore of Industrial Man*. New York: Vanguard, 1951.

_____. *The Gutenberg galaxy: The making of typographic man*. Toronto: University of Toronto Press, 1962.

_____. "Introduction". In: INNIS, Harold. *The Bias of Communication*. Toronto: University of Toronto Press, 1964.

MEDIA ECOLOGY ASSOCIATION. "Organization". 2012. Disponível: (<http://www.media-ecology.org/about/organization.html>)

MEYROWITZ, Joshua. "Images of Media: Hidden Ferment - And Harmony - In the Field". In: *Journal of Communication*, New York, Vol 43, Issue 3, 1993, p.55-66

_____. "Medium Theory", in D. Crowley and D. Mitchell, eds., *Communication Theory Today*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1994, p. 50-77.

_____. *No sense of place: The impact of eletronic media on social behavior*. New York: Oxford University Press, 1985.

NYSTROM, C.. *Towards a science of media ecology: The formulation of integrated conceptual paradigms for the study of human communication systems*. (Doctoral dissertation, New York University, 1973). *Dissertation Abstracts*

International, 34, 7800, 1973.

ONG, Walter J.. Interfaces of the word: Studies in the evolution of consciousness and culture. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1977.

_____. Orality and literacy: The technologizing of the word. London: Routledge, 1982.

POSTMAN, Neil. "The humanism of *media ecology*". Proceedings of the *Media Ecology* Association 1, 10-16. Disponível: (http://www.media-ecology.org/publications/proceedings/v1/humanism_of_media_ecology.htm)

_____. (1970). The reformed English curriculum. In A. C. Eurich (Ed.), High school 1980: The shape of the future in American secondary education (pp.160–168). New York: Pitman.

_____. & WEINGARTNER, C.. The soft revolution: A student handbook for turning schools around. New York: Delacorte, 1971.

STRATE, Lance. "A *Media Ecology* Review". In: Communication Research Trends, Vol. 23 No. 2, pp. 3-48, 2004.

_____. "President's Message – Understanding MEA". In: IN MEDIAS RES - The Official Newsletter of the *Media Ecology* Association, Vol. 1 No. 1, Inaugural Issue, October 1999. Disponível em: (http://www.media-ecology.org/publications/In_Medias_Res/imrv1n1.html#President%C2%92s%20Message%C2%97UNDERSTANDING%20MEA)

THEALL, Donald F. Beyond the word: Reconstructing sense in the Joyce era of technology, culture, and communication, 1995.

_____. Joyce's techno-poetics. Toronto: University of Toronto Press, 1997.

_____. “McLuhan and The Toronto School of Communication”. In

UNDERSTANDING 1984, D. de Kerckhove and D. Jutras (Eds.), Occasional Paper No. 48, Canadian Commission for UNESCO, Ottawa, 1984, pp.47-55. E Canadian Journal of Political and Social Theory, Vol. 10, No. 1-2, 1986, p.79-88.

_____.The medium is the rear view mirror. Montreal: McGill-Queens University Press, 1971.

_____.The virtual Marshall McLuhan. Montreal & Kingston: McGill-Queens University Press, 2001.

_____.The Toronto School of Communications. 2003. Disponível em: (http://www.fivebodied.com/the_toronto_school_of_communications.rtf)

TREMBLAY, Gaetan. “As TIC e o sistema educacional. Os temores de Innis e as esperanças de McLuhan”. In: Barbosa, Marialva; Morais, José Osvando de. (Org.). Quem Tem Medo da Pesquisa Empírica?. Quem Tem Medo da Pesquisa Empírica?. São Paulo: Intercom, 2011, v. , p. 187-200.

WOLF, Mauro. Teorias da Comunicação. Lisboa: Presença, 4ª ed. 1995.

Recebido em 30.10.2013.Revisado em 10.11.2013.Aceito em 16.11.2013